

Viagem à Vajucá: educação como experiência transdisciplinar de modos não humanos

Déa Trancoso¹

RESUMO

Conduzido pela Rã Azul, por Runuwã, Bom Floral e sensibilidades de existências mínimas que batalham por mais realidade, este ensaio viaja pelo Reino de Vajucá – território experimental de subjetividades dissidentes, docências ativas e leitores que ainda não existem –, propondo educações para o corpo, a voz, a presença e a alma, carregadas por fabulações e encantarias ancestrais – ficções como atos políticos exigentes e, quase sempre, incômodos: a terra como um território artístico; a vida como um ofício delirante de diferenças; a educação como transdisciplinaridades de modos não humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Educações de encantaria. Docências não humanas. Epistemologias do invisível.

Trip to Vajucá: education as a transdisciplinary experience in non-human ways

ABSTRACT

Led by the Rã Azul, by Runuwã, Bom Floral, and virtualities of minimal existence that fight for more reality, this essay journeys through Vajucá – an enchanted territory of dissident subjectivities and readers that do not yet exist –, proposing educations for the body, voice and soul, carried by the transdisciplinarity – almost always unsettling – of ancestral heterogeneous enchantments: the earth as an artistic territory; life as a delirious craft of differences and enchantments; educations as an experience of no-human sensibilities.

¹ Doutora em Educação. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6480-1689>. E-mail: deatrancoso@gmail.com.

KEYWORDS: Educations of enchantment. Non-human mastery. Epistemologies of the sensitive.

Viaje a Vajucá: la educación como experiencia transdisciplinaria em aspectos no humanos

RESUMEN

Guiado por la Rã Azul, por Runuwã, Bom Floral y virtualidades de existência mínima que luchan por más realidade, este ensayo viaja por el Reino de Vajucá – território encantado de subjetividades dissidentes y lectores que aún no existen –, proponiendo educaciones para el cuerpo, la voz y el alma, impulsadas por transdisciplinariades fabulativas, casi siempre incómodas, de encantos heterogéneos ancestrales: la tierra como um território artístico; la vida como un oficio delirante de diferencias y encantamientos; la educación como uma experiência de sensibilidades también no humanas

PALABRAS CLAVE: Educaciones de encantamento. Artes maestras no humanas. Epistemologías de lo sensible.

* * *

*Mestre Carlos é bom mestre
Aprende sem se ensinar
Sete dias passou sentado
Na raiz do Juremá*

(Linha Tradicional de Catimbó de Encantaria transmitida a mim pelo Exu Zambarado, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 1998)

Introdução

Quem é você?

Qual é a sua gira?

Qual terreiro te educa?

Em que espelhos você olha?

Quais educações atravessam você?

Você leva a transdisciplinaridade a sério?

As inquietações deitam selvagens sobre caminhos não descobertos e ainda não caminhados. Neles acontecem as educações e as transdisciplinaridades. Não educações de harmônicos plenilúnios, mas de sinistros arqueus encontrados nos interstícios da matéria. Jurema é o espelho transdisciplinar vivo. Os animais e as plantas se espiam nele com inteira atenção e mil modos: rosa, pulga, leão ou Bom Floral. Todos olham nos olhos especulares da Jurema ao pisar no Terreiro do Toré.

Milhares de existências vão se arqueando umas sobre as outras no espelho fincado no meio do quintal do Reino Encantado de Okê Ajucá (ou Vajucá). É ela. É Jurema quem abre seus leques reflexivos para humanos, não humanos e muitíssimos mais que humanos: corporeidades que passam: entram e saem, lembrando-se de si mesmas, pisando leve na terra, ensinando, aprendendo – tornando a ficção real.

As mulheres têm servido há séculos de espelhos com poderes mágicos e deliciosos de refletir. O espelho é de suma importância porque recarrega a vitalidade e estimula o sistema nervoso. Sem esse poder, provavelmente, a terra ainda seria pântanos e selvas (Woolf, 2014, p. 54-56).

De carona no rabo do espelho de Jurema, viajamos noutras faixas de realidade, encarnando, reencarnando; ajeitando reencantações pelos milênios afora: sonho-cinema premonitório ou apenas de descarga do fígado, de três a cinco da madrugada, mas, sempre, lembrança de si mesmo. Meio-dia em ponto começam as Educações do Toré. O espelho de Jurema não é humano, mas aumenta o grau de humanidade, fazendo nascer e crescer uma Pajé, um Axé, um Catimbó, uma Mulher.

Meio-dia em ponto, com o sol a pino, começa o Toré: prepare-se, atente-se, lembre-se, esteja.

O Toré dos Borum Krenak é Catimbó de rios e florestas dentro do corpo. O Toré é uma medida de tempo para os que anseiam o lindo destino de

aprofundar o grau de amizade com a terra antes de morrer. Nos canteiros capitais das hipercidades a vida está cada vez mais feia, mais miserável, mais terrível. No Toré não. O Toré ainda resguarda a quietude da pedra, o poder das águas, a beleza da flor, a docência da folha. O Toré ainda produz a arte taru andé do ancestral Krenak², capaz de adiar o fim do mundo: cantiga e dança, filosofia e política, produção e remédio.

Bom Floral é o nosso primeiro mestre catimbozeiro. Seu apelido foi dado pelo vento, quando este o viu cuspidando inflorestações de mil e uma matizes no umbigo de Gaia. O sopro bom de Floral não continha apenas ar e pneuma, mas pétalas de inusitadas geometrias. E o vento, sempre tão amigo, espalha, pelos quatro cantos da terra, com os primeiros raios de luz, os tais perfumes do inflorestante Ancião Bebedor de Cauim. Câmara Cascudo³ já falava dele com muito entusiasmo. Além do vento, Floral é amigo da Rã Azul. A Rã tem pós-doutorado em Metodologia das Sutilezas pela Universidade Aberta de Encantarias da Beira do Rio Jequitinhonha, Norte de Minas Gerais, Brasil, América do Sul. Seu orientador é um Exu. Sua co-orientadora é uma Pomba-Gira.

Bom Floral gosta da Rã porque diz que ela derruba as muralhas que as cabeças descoladas dos corpos e os corpos descolados dos mundos erguem contra certos assuntos, segundo a teoria de Guattari⁴. Ali, nos musgos azuis da Rã, que nascem à revelia das muralhas, a cachoeira do conhecimento – em modo de gaia ciência – é totalmente transdisciplinar: vai lavando tudo. São nessas insistentes corredeiras que a Rã Azul produz suas práticas de liberdade: outras estéticas, outras ontologias, outras epistemologias e outras metodologias carregam o sal da vida: educações entram por todos os buracos dos corpos dos seres gaianos: saltam pelo lóbulo das orelhas, descem pelo pescoço, alcançam o fio da coluna, escorregam pela lombar e descansam demoradamente nos pés.

² Refiro-me a “Taru Andé: o encontro entre o céu e a terra”, de Ailton Krenak, 2006.

³ Refiro-me a “Meleagro”, obra seminal de Luís da Câmara Cascudo, 1951, p. 33-45.

⁴ Refiro-me a “Por uma refundação das práticas sociais”, última entrevista concedida por Félix Guattari ao Monde Diplomatique, 1992, p. 26-27.

Eucariontes, os corpos deliram.

Todo mundo comenta que a Rã, o vento e Bom Floral são um tríptico movimento metodológico das Terras Raras do Toré Borum Krenak: paradigma, arqueu e assinatura. Ali, ninguém tem delírios de certeza. A existência é escandalosamente de encruza. Encruzilhada. O vento dirige os movimentos e as movimentações. Os pássaros ensinam a língua. Com os rios, treina-se o corpo e a alma: dança e música. Há um grupo de eternas inocências que advoga o esplendor artístico prescrito por Souriau⁵ como antídoto para qualquer maldade. De tanto subir em árvore, é o esplendor artístico da infância que coordena a docência de como refazer a amizade com a terra para habitá-la em modo de coexistência compartilhada.

O sol, em lógica e sentido, é o mestre da solidariedade e aguarda, pacientemente, o nossa amanhecer. As escatologias viram humor aquoso e aquante, salamandras sopradas no ar, terroso e terreno, como Latour⁶ falou um dia. No centro do Toré Borum Krenak não faltam mistérios, e quem nunca dançou e cantou um Toré não sabe de velhos que falam com montanhas e deslocam coisas, corpos, mundos, vida e morte de lugar.

No vazio da noite, em volta do fogo, eles dividem um chá de barbatimão que é capaz de curar qualquer inércia. Depois do chá, tudo desaparece. Só ficam as imagens das árvores fazendo reflexo nas águas dos rios, partilhando o mesmo sopro, como Coccia⁷ conseguiu ver, de raspão, durante um delírio filosófico. Os corpos batem o pé na terra e levitam, mesmo sem tirar o pé do chão. A poeira sobe: sutil e nebulosa. A Árvore Mais Velha das Terras Raras mandou, pela Rã Azul, um recado a Bom Floral: “Agora, você é janela! Tome assento na brecha e prepare a comunidade para mais uma “Oficina Híbrida Aberta/OHA”.

Com inesperada ternura na voz, o vento rascante esfregou sua orelha na barra do dia e disse que a OHA desse ano é pedagogia que retoma

⁵ Refiro-me a “Ter uma alma: ensaio sobre existências virtuais”, de Étienne Souriau, 1939, p. 113-114.

⁶ Refiro-me a “Onde aterrar? – como se orientar politicamente no antropoceno”, volume 1, de Bruno Latour, 2020, p. 5-10.

⁷ Refiro-me a “A vida das plantas: uma metafísica da mistura”, de Emanuele Coccia, 2018, p. 54.

ancestralidades/intensidades do corpo, da voz e da alma, colocando, definitivamente, a mão no destino de ser terra. Quando a terra chega para fazer a literatura matinal das corporeidades, Bom Floral solta dois longos assobios: um estar-e-ser em cima da terra e outro ser-e-estar debaixo da terra, convocando toda a linhagem de cadáveres que, ao menor frêmito do vento, confere-lhe vitalidade, sentido e resistência, como soprou-lhe Deleuze⁸, o vajucano mais diferente entre todos os vajucanos.

Mas cuidado! A ancestralidade de um povo que ainda não existe pode deixar sequelas. Alguns relatam falta de ar. Quando isso acontece, Bom Floral sopra seu cauim pneumático de flor. Outros relatam dores musculares. Quando isso acontece, a Rã oferece sua kombucha de musgos azuis e infiltrantes. E há, ainda, relatos de repentinas lembranças de si em plena tarde. Quando isso aparece, o Toré Borum Krenak convoca Friedrich Nietzsche. Eles amam o velho niet. Niet, aliás, em Vajucá, é nome de muitos gatos. No Dia Nacional do Devir-Torna-te-Quem-tu-és, a Floresta e os rios soltam um grito de oito oitavas para alimentar as crianças e acordar os adultos no susto. Tudo vitalidade, tudo sentido, tudo resistência: gato, grito, criança, floresta, rio e devir.

A boca da noite traz o som do tambor. A sua melodia antiga acende no corpo a saudade do futuro. Uma linha de Catimbó regenera o homem racional que se acha extraviado do corpo de baile de gaia. “Mestre Carlos é bom mestre, aprendeu sem se ensinar, sete dias passou sentado, na raiz do juremá” (Exu Zambarado, 1998).

Nunca saberemos as origens da produção de conhecimento, enquanto durar as alegrias educacionais dessa Linha de Mestre Carlos. Tudo nas Terras Raras Borum Krenak é lento, mas as aleluias estridentes desse cauim sonoro sobrevoam nossas cabeças rapidamente. Quem é o mestre ensinador? Os cadáveres de Deleuze. Quem toca o tambor? Os cadáveres de Deleuze. Eles até não tocam mal para quem está há tanto tempo debaixo da terra. Nos

⁸ Refiro-me a “O ato de criação”, palestra de Gilles Deleuze, proferida na Fundação Europeia de Imagem e Som de Paris, 1987.

primeiros 21 dias depois da morte, a magia dos tambores sobe e enfumaça o ar. Sofia brota no chão da mata. Então, os corpos incorporam alegria, amor e conhecimento de uma só vez.

De noite, os passeios sob a lua estão liberados, desde que os caminhantes caminhem devagar, olhando com atenção, a fim de não espantar bichos ínfimos que também passeiam nessa hora. São regras das Terras Raras Borum Krenak. Não estão escritas em nenhum lugar. Apenas habitam os corações dos borunenses há milhares de anos. Os krenaks lavam os olhos nas águas serenadas da noite e se aquietam para receber as vozes dos mortos pelo ouvido esquerdo até todas as vértebras da coluna estalarem. Eles dizem que isso serve para construir uma alma. Agitando o corpo se adquire consciência como “um bloco de miríades”, proferem, inspirados em Gil⁹, o filósofo predileto, quando o assunto é a relação entre corpo, dança e produção da tal consciência sem sujeito.

Muletas não são permitidas nas Terras Raras Borum Krenak. De nenhuma natureza. Os cegos são hábeis costureiros, por exemplo. Ao cruzar com pássaros, é mister que se trine parte do seu trinado. É como uma brincadeira de estátua. Viu um pássaro, o borunense para, escuta e trina. É uma lei nacional. Foi instituído que os velhos voltem à velha forma de andar de quatro como qualquer animal para lhes conferir mais agilidade em acender fogueiras e lambe as próprias feridas. Ninguém espera milagres. O sangue faz febres para curar o genoma. Eles chamam isso de Ciência Epigenômica, com a qual é possível alterar os quase 3% de livre arbítrio que o Grande Pajé negociou com o sol.

Como num quadro na parede, o desespero está pendurado nos relógios para lembrar que o tempo é uma língua morta cujo renascimento, num desconhecido mineral escondido no fundo do mar, apagou do idioma as palavras mais temidas: medo e morte. A morte nas Terras Altas Borum Krenak é uma aventura rigorosa, bandeirante e continental: lançam os

⁹ Refiro-me a “Movimento total: o corpo e a dança”, de José Gil, 2013, p. 123.

corpos à procura ancestral pela cabeceira do vento, diminuindo a distância entre o território Borum Krenak e a lua. Da cadência dos cristais lunares, e do fluído dos mortos nascem as cavernas, as cachoeiras, os mares e as praias. O vento selvagem é o Chefe dos Penas Vermelhas, uma nação irmã que, a cada nove luas, ilumina a floresta e mostra todo o seu poder de varrer o medo e reinventar alegrias.

Talvez, tocada pela véspera das coisas, a imaginação fala de improviso, sem realidade dentro da boca, numa dança hiperbórea entre asa e serpente. A terra não para de parir vozes. São infinitas. Uma babilônia de línguas estranham-se e interpenetram-se. A proposta da terra é trabalhosa: coisas supremas e ínfimas têm o mesmo indócil destino: existir. A proposta das Terras Raras Borum Krenak é ainda mais laboriosa: existir com alegria, misturando amor e conhecimento.

Nessas terras, a floresta conecta tudo e todos à revelia de tudo e todos. Só ela, Exu e os rios são capazes de restituir a porta aberta, imprescindível ao fluxo das vitalidades. A floresta crê que é o teatro de arena para a história das ontologias multiespecíficas e que um interminável texto corre por todo o seu plano pluridimensional de imanências. Só a floresta é alguém luminar e subliminar. O resto é tudo partícipe agenciado e com algum pequeno poder de agenciamento – os tais 3% epigenômicos. Suas linhas ocultas puxam segredos e movimentam tramas. Há coisas graváveis e coisas que já nascem perdidas para sempre. Só a floresta sabe de certas biocoisas estranhíssimas que descansam sobre o manto de suas folhas de veludo. Sua voz onírica devora tudo ao redor e sopra uma lira de mil furos que derivam sem parar. É que no Toré – o outro nome da floresta – tudo começa onde tudo está perdido, como uma noite sumindo na barra do dia ou o dia raiando de dentro das brumas da noite. É tudo fronteiroço.

De repente, as coisas aparecem, desaparecem e reaparecem. Nada dura muito. Modos vêm e vão. Ontem foi assim. Hoje não mais. De repente, um morto há mil anos está vivo outra vez, continuando um

colóquio do exato ponto em que parou, gargalhando da cara assustada de seu interlocutor. É constrangedor. O dia pode durar anos e, então, os olhos dos krenaks brilham de dentro de uma noite que acontece do nada, quando ainda é apenas meio-dia.

As fêmeas plasmam a primavera. O perfume de sexo vem pela nuca. É o código mais aguardado. As árvores gesticulam, as seivas gemem úmidas de larguezas, os pássaros estão mais estridentes do que nunca. Do buraco de onde eu espio, vejo que até a Jurema suspira, caboclando rizomas com o esplendor de seu ouro verde. Bom Floral abraça uma árvore para que o seu duplo primaveril possa amanhecer sorrindo.

A Rã Azul aproveita para desiludir palavras e produzir mais escapes de emergência em sua Metodologia das Sutilezas. O vento embola as nuvens, formando pensamentos no ar, perseverando a vida. Nos troncos das árvores há cofres de seiva amorosa que o inverno, o outono e o verão guardaram. A primavera é quem os distribui sem olhar a quem, sem escolher a ninguém. A Rã aproveita, ainda, para oferecer seu Curso de Graduação em Abraço. A lista de espera é imensa.

O vento e Bom Floral apresentam a Rã como a Primeira Invisível. Ela destampa a cabeça para a vida entrar, pois o sol e a lua precisam da moleira aberta para prestar seus serviços. Abrir moleiras é um dos ofícios da Rã Azul. Ela é movida à carne e sonho. Ela tem letras ocultas de alegria e o seu deus não é um deus ditado, mas um deus que lhe dá corpo. Os borunenses adoram a Rã Azul e suas disciplinas corporificadas. Eu mesma aguardei por mil luas a oportunidade de torná-la orientadora da minha Retomada Borum Krenak.

Quando retomei meu Lugar de Existência e Enunciação na imensa falange dos Borum Krenak, a Rã disse que uma grande serpente, parida pelo útero cósmico (Figura 1), ia colar a minha cabeça no corpo e o meu corpo no mundo novamente para refazer o elo, pois, como Ana Godinho¹⁰, ela advoga

¹⁰ Refiro-me a “Da graça ou da imanência: o lugar onde se habita”, palestra proferida por Ana Godinho Gil, no VII Encontro Deleuze e Guattari, em 2020, pelo Canal *Youtube* “Agenciamentos contemporâneos”, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento, da Universidade Estadual de Montes Claros.

que o elo é o lugar onde se habita e o lugar onde se habita é Gaia, e Gaia é Toré. Toré, então, pendurou Runuwã, a grande jiboia escritora dos Borum Krenak, no meu pescoço para sempre, como um colar cheio de linhas de muitas educações, de muitas transdisciplinaridades, mas avisou que Runuwã nunca alcançaria nenhum leitor de pronto. É que o leitor de uma jiboia demora, pois ainda está se tornando um leitor junto com ela.

FIGURA 1: Útero cósmico – Déa Trancoso



Fonte: acervo da autora (2020).

Metodologia das sutilezas

Ao som da Jurema Sagrada, o velho bebedor de cauim levava o quinto grupo do mês para a Metodologia das Sutilezas: uma pequena Trilha Xamânica de Encantaria, de picada estreita, rústica e íngreme, que exigia cuidado e tinha que ser realizada em fila indiana: pedregulho, pequenos

arbustos, compostagem grossa de folhas secas, passagens escorregadias, brechas invisíveis que apareciam abruptamente.

Bom Floral – altíssimo, negríssimo, com seu tempo flutuante e seus olhos de pensamento impossível, segundo Deleuze¹¹ e Lilith – sabia de tudo isso há muito mais de trezentos anos. O corpo era ágil. Pulava. Subia. Descia. Memorizava. Devirava. Bom floral tinha uma ginga adquirida em longa cumplicidade com a floresta. Axé profundo. Conhecia cada pedaço, cada riacho, cada cobra, cada formiga, cada joaninha, cada capivara, cada veneno, cada cura. Achava engraçado quando recebia alguém que não se dava com a mata. Alguém que queria o prazer de um banho de cachoeira sem enfrentar o lodo, o escorregão, a possibilidade de, numa queda súbita, bater a cabeça e se encantar em musgo ou em espuma de cachoeira ali mesmo. Tem morte mais bonita do que virar um prisma do agora no ar? O velho bebedor de cauim achava que não.

Mas, no alto da cachoeira, foi outro velho que cantou alegre:

– Kêkêrêkê! Seu Tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi, é uma cobra coral, oi, é uma cobra coral... Kêkêrêkê!

Bom floral olhou para cima e viu o Pajé Tupinambá sorrindo. Entrou com roupa e tudo no poço, convidando todos a participarem. Ficou tomando pé e logo desceu mais fundo para beijar a mão de Lilith. Ela sorriu ao vê-lo:

– Salve floreiro! Mais uma trilha encantada?

Bom floral anuiu.

Lilith puxava de dentro das águas profundas de sua boca mais uma Subjetividade Odara, da qual ela chamava de “sensibilidade para desativar bombas de miséria do patriarcado”. Lilith era da turma pós-deleuzeana do Quarto Logos (Figura 2). Era unha e carne com Donna Haraway e Isabelle Stengers, outras bruxas de sua antiga e longa linhagem e, com Virgínia Woolf, a bruxona pioneira mais sinistra de todas.

– Venha outro dia com calma. Vou te apresentar o Quarto Logos.

¹¹ Refiro-me a “Cartas e outros textos”, de Gilles Deleuze, edição preparada por David Lapoujade, 2015, p. 239-243.

– Quarto Logos? Que bicho é esse?

FIGURA 2: Quarto Logos – Déa Trancoso



Fonte: acervo da autora (2020).

– É tão somente a educação pensada no plural (educações) a partir da transdisciplinaridade levada a sério: arte, clínica, filosofia, alegria e cura. A Arte de Remédio das ciências de Gaia, perpassando o conceito e puxando dele a medicina da qual ele é constituído e está cheio até a tampa. Já imaginou, floreiro, uma aula ser realmente só emoção, como Deleuze¹² postula? E-moção, movimento, movimentação da cabeça colada no corpo e do corpo colado no mundo. Já imaginou, no meio de um conteúdo, daqueles quilométricos, o professor puxar uma Respiração Guiada como parresia para acender o aprendizado? Todas as entradas e as saídas são técnicas de si. Não são as filosofias de Foucault¹³? Entre uma equação matemática e uma fórmula química, vai aparecer Fernando Pessoa propondo a criação de heterônimos como uma clínica para o corpo: educações, regeneração, floresta, rio, Exu, Toré... Que grande transdisciplinaridade, hein, floreiro? Já pensou se o

¹² Refiro-me a “Abecedário de Gilles Deleuze”, uma série de entrevistas feitas por Claire Parnet – filmadas entre 1988 e 1989 e exibidas pela TV Arte, um canal franco-alemão, entre 1994 e 1995. O texto que utilizei é uma publicação em português feita pelo *site* Biblioteca Nômade, 2008, p. 58-59.

¹³ Refiro-me a “A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II – curso no Collège de France (1983-1984)”, de Michel Foucault, 2011, p. 3-23.

professor de física perguntar na prova sobre as ressonâncias possíveis entre cuidado de si e ato político? E, mais ainda, já imaginou você dando uma disciplina de “Trilhas Xamânicas do Reino Encantado de Vajucá”? Seria uma disciplina obrigatória, floreiro, uma disciplina obrigatória, tá legal?

Bom Floral beijou Lilith mais uma vez e subiu sorrindo. Lilith sempre o fazia rir com seus devaneios tão cruelmente reais. Transdisciplinaridade... pois, sim! A cartesiana produção de conhecimento jamais adotaria, de fato, essa centopeia louca, rechaçada ao longo da história da forja da própria Universidade.

Finalmente, Floral emergiu. Toda essa movimentação filosófica lilithiana não durou mais do que segundos, mas a sensação era de que se passaram 100 anos. Afinal, produção de conhecimento, educações e transdisciplinaridades eram temas espinhentos. O tal Quarto Logos ser tão somente a transdisciplinaridade levada a sério era genial, pensou. Era um bom mote para escrever um ensaio.

Mas isso ficaria para outra hora.

Agora, a trilha começaria.

O velho Tupinambá cantava e pedia atenção à “respiração diafragmática de exalação prolongada (1:2)” da neurocientista Castellanos¹⁴: inspirar em tempo “x”, reter no mesmo tempo “x” e expirar no dobro de tempo da inspiração/retenção de “x”. O velho Tupinambá, Bom Floral e os seguidores de Castellanos gostavam da básica 3/3/6: inspirar em 3, reter em 3, expirar em 6, ao menos três vezes ao dia.

– Kêkêrêkê! Seu Tupinambá, quando vem na aldeia, traz na cinta uma cobra coral, oi, é uma cobra coral, oi, é uma cobra coral... Kêkêrêkê! Essa parte do caminho é densa e escura. As árvores grandes e altas e a pouca luz do sol trazem o frio. Desse modo, podemos ir catando algumas folhas pelo caminho para nos fazer companhia. Essa primeira parte da mata é chamada de Caminho das Semovilhas. Semovilhas são pequenas

¹⁴ Refiro-me a “El puente donde habitan las marisposas: biosofia de la respiracion”, de Nazareth Castellanos, 2025, p. 176.

sementes de uma vegetação rasteira muito comum aqui em Vajucá. Vocês podem colher algumas para ferver e tomar um banho mais tarde. Elas são boas para cortar o medo.

O velho Tupinambá narrava algo aqui e ali até chegar na boca da caverna. Runuwã estava na porta. Tupinambá saudou Runuwã cantando.

– Kêkêrêkê! Seu Tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi, é uma cobra coral, oi, é uma cobra coral... Kêkêrêkê! É necessário pedir a licença para entrar: parar, olhar nos olhos da serpente e entrar, um de cada vez. A entrada é muitíssimo estreita. Assim, sugiro desempoeirar a ginga. Gingue o corpo para caber no entre. Lá dentro é puro breu. Portanto, feche os olhos de enxergar e ilumine os de ver que ficam na nuca e quase nunca são usados. Tateie, com eles, o caminho até o Lago de Quartzo Rosa que tem no canto à direita, no fundo da caverna.

Os corpos iam passando um a um.

O velho Tupinambá aguardava, pacientemente, cantando baixinho.

– Kêkêrêkê! Seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi, é uma cobra coral, oi, é uma cobra coral... Kêkêrêkê!

Por fim, ele também passou.

– A dica é se livrar de toda e qualquer bagagem e entrar no lago nu para que ele possa se infiltrar pela pele e alcançar os órgãos, lavando-os, alterando-os, modificando-os, regenerando-os. Deixe que o rosa do quartzo lamba as feridas. Todas e quaisquer. Das mais irrisórias e já fechadas às mais abertas e ainda em carne viva. Deixe que a fervura do gelo do lago chegue ao coração e se estabeleça, esquentando as educações que constroem a alma. Gaste o tempo que for necessário com as transdisciplinaridades para que o coração volte a ficar quente.

Dali em diante, Pandora não ouvia mais nada, arrastada por um choro ancestral de dor explosiva, o qual virou grito, virou eco, virou drama, virou mito, virou mulher, descansou em si e fluiu. Consciências fatiadas em outras, outras e mais outras...

Quando abriu os olhos de enxergar e fechou os da nuca, o velho Tupinambá conduzia o grupo para a saída da caverna. Ufa! Pandora quase tinha perdido a saída novamente. Olhou nos olhos de Runuwã e passou por uma porta tão larga, mas tão larga, que devia caber ela e todas as suas milhares de subjetividades fatiadas, os seus milhares de modos. Passou sorrindo. O riso virou gargalhada que, rapidamente, triturou o drama e se transmutou em mais uma consciência fatiada.

Uma pajé?

Uma xamã de si mesma?

Um exu mulher?

Bom Floral riu. Vinha observando Pandora, a pedido de Lilith, desde o começo. Que mulher interessante! Parecia um mito! Olhos perscrutadores e nariz de rebeldia crônica. O corpo era metade mulher, metade *daemon*, que, agora, abraçava um cristal enorme na tal floresta de cristais que o velho Tupinambá fizera surgir diante de um estupefato grupo. Naquela parte, Vajucá era muito élfica: musgos, grutinhas, pequenas inflorescências de cristalinas, riosinhos aéreos flutuantes: cenário de puro maravilhamento.

Abraçar um cristal é meter a mão no destino, acordar uma Presença. Cristal é tempo, sabedoria e devir condensados. Não é assim que fala o Exu Calunga da Calunga Grande? Mas o que o tempo ainda quer de nós? Essa é a pergunta de Calunga e da Astrologia Antiga. Talvez, o tempo queira de nós apenas confiança, gentileza e gratidão. Assim, abraçar uma árvore de cristal é ser grato. Confiar na terra, a professora.

O velho Tupinambá se calou por um instante, abraçando pequenos cristais que nasceram no pé de uma frondosa árvore vajucana que Bom Floral abraçava com os olhos de enxergar fechados e os da nuca acesos. Um espetáculo cênico: um dragão furta-cor subindo e descendo por dentro das veias do floreiro, virando seiva *neon* no cristal: confiança, gentileza e gratidão espiralando – um show à parte, pensou.

Pandora, a essa altura, estava encarapuada na crista de uma sumaúma. Uma única sumaúma no meio de uma floresta de cristais se

tornava uma ciência tão imponente... a barriguda feminina no meio daquela infinidade de cristais pontiagudos era uma beleza rara.

E a trilha continuava. Agora, por caminhos cada vez mais abertos e arejados. Solares. Floridos. Toda sorte de bichos. Pássaros de muitos cantos. Uma algazarra que foi dando lugar a uma enorme montanha que ia se descortinando à medida em que os corpos passavam. Do topo da montanha, já dava para ver a fogueira crepitando alto.

O velho Tupinambá respirou fundo.

– A pajé nos aguarda. Vamos descer e guardar as mochilas. Depois, sentaremos ao redor do fogo e jogaremos, na fogueira, literalmente ou não, todo sobrepeso: o que não serve mais, o que não presta, o que dói, o que pesa. Pode ser um curto pensamento ou mil longos grilhões da escravidão e do apagamento sistemático. Aqui, tudo é medicina.

Um a um, os corpos foram contemplando as salamandras nas labaredas se desfazendo em espiral. Rapidamente, uma Mandala de Desidentificação, Desapegos e Despregamentos foi se formando. Tinha até uma pequena dor de dedo mindinho que fora cortada ao meio. Mas o que não foi assim, tão poético, era ver o sangue daquela violência de nome inominável que Pandora sofrera no passado e que tantas outras sofrem até hoje. Sangue fresco. A carne mais barata do mercado ainda é carne de mulher. A Pajé soprou a fumaça de cachimbo por todo caleidoscópio e entrou dentro de uma oca que expelia fumaça pelo alto.

O velho Tupinambá disse que a Pajé aguardava cada um dos corpos passar por ela com direito a uma pergunta. Uma pergunta? Pandora não tinha a menor ideia do que perguntar. Bom floral observava, quieto, sempre Em Posição de Teoria. Pandora admirou aquele belíssimo Xamã de Si Mesmo, que de tão deleuziano, parecia um Exu.

Eva apareceu e fechou os olhos de enxergar de Pandora e abriu os da nuca. Tudo num átimo de segundo. Nada. Nada de nenhuma pergunta. Quando, de repente, Guattari saltou em sua frente e disse:

– Já que você não tem perguntas, você faria uma por mim?

– Ué. Faz você mesmo, Guatty.

– Não posso. Não acredito em trilhas xamânicas guiadas por um cara que se chama Bom Floral. É muito simples para ser verdade.

– Ué. Você se preocupa com a verdade ou com o que está lhe acontecendo?

– Boa pergunta.

– O que você está fazendo aqui se não crê no que lhe acontece?

– Eu estava passando...

– Passando?

– Sim. Há uma passagem secreta...

– Entre a cabeça e o corpo?

– É. Entre a cabeça e o corpo. A minha cabeça se descolou do meu corpo e, por isso, perdi a capacidade de acreditar no que me acontece.

– Próximo! – Gritou a Pajé.

Como era a minha vez, e eu estava em paz com o que me acontece, empurrei Guattari e, no susto, ele foi parar nos pés da Pajé, que arregalou olhos da nuca ao vê-lo.

– Ora, ora... Quem é radicalmente vivo sempre aparece! O que te traz aqui, Félix?

– Quero colar a cabeça no corpo e o corpo no mundo novamente.

– Peça a Bom Floral que te leve a Lilith, a que mora nas locas do fundo da cachoeira principal de Vajucá. Ela, Pandora e Eva vão puxar de seu próprio corpo as suas dissidências, uma espécie de devir-guatty: um desativador de bombas de miséria – explicou didaticamente.

– Eu sei o que é subjetividade dissidente!

– Sim, mas “casa de ferreiro, espeto de pau”, diz o dito popular.

– Não acredito em ditados populares.

– E, infelizmente, você não acredita nem no que lhe acontece. E não há miséria maior do que não acreditar no que acontece ao corpo, Félix. Mas, no final desta trilha, há o mar. Observe o mar e ouça o que ele diz. É impossível não escutar o mar. O mar é diferente da filosofia, mas pede a mesma coisa:

confiança e entrega. Só que a filosofia tem vergonha e o mar exige. Entregue-se, Félix. A entrega é a cola. A entrega é o elo.

Ao longe, ainda se ouvia o velho Tupinambá cantando.

– Kêkêrêkê! Seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi, é uma cobra coral, oi, é uma cobra coral... Kêkêrêkê!

Minutos depois, Félix viu o mar e, diante do mar, teve um desejo indubitável de se entregar de modo categórico à terra. A terra é a cola. A terra é o elo. A terra é o território artístico-filosófico. Todas as educações para a construção de outros mundos possíveis dependem do grau de amizade entre os corpos e a terra.

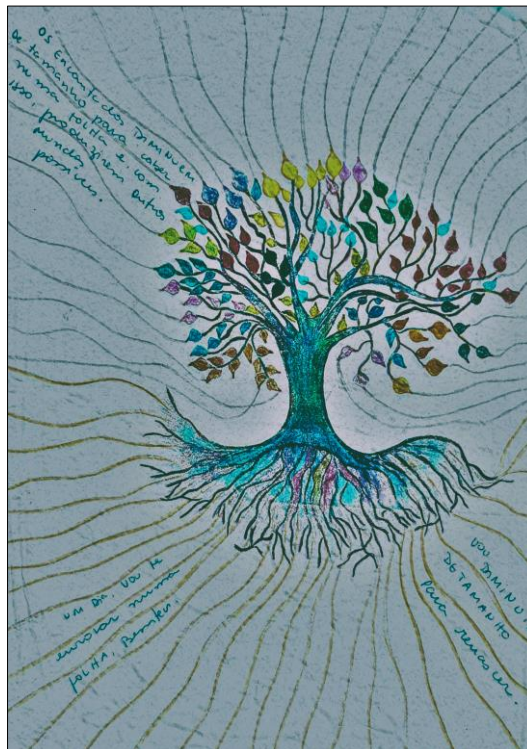
Bom Floral riu, abraçou Pandora e encerrou mais uma trilha ao som da Jurema Sagrada¹⁵.

Conclusões a contrapelo

O mundo é tudo que contrasta a luz enquanto se caminha. Andar entre buzinas que azucrinam os ouvidos, mas aprender a sair do tempo por florestas que abrimos no espaço. Rapidamente reconhecer a rachadura e deslizar. Aprender a ver portais. Adquirir a destreza de se enrolar numa folha para vê-los, atravessá-los e beijar o Mestre Bom Floral, que está em quietude amazônida há milhares de anos. Ser como uma Jurema de Beira de Igarapé (Figura 3), portadora de insígnias daquelas educações que pagam caro por existirem nesse mundo cada vez mais miserável. Descobrir que não se cabe nos prévios formatos que nos impingem. Numa brecha, apaixonar-se loucamente pelo devir. Caminhar com ele por toda a vida. Achar bonito o som marejante de seus múltiplos e encruzilhantes sentidos. Brechar e adquirir várias peles para saber andar por entre as ruínas das máquinas ensurdecedoras e mortíferas do hipercapitalismo. Criar outros modos de estar vivo: modos que tenham alma e sejam capazes de produzir mais vida.

¹⁵ Canção do álbum “Líricas Breves para a Construção de uma Alma”, de Déa Trancoso, 2012. Acesse pelo endereço: <https://drive.google.com/file/d/1rn8HmklKn04D0I5Fj32Q7pk462HNETIZ/view?usp=sharing>.

FIGURA 3: Jurema – Déa Trancoso



Fonte: acervo da autora (2020).

Sentir Gaia numa sensação súbita entre a tireoide e o timo. Exu advoga que é aí, entre esses dois comandos, que a gente produz mundos. Produzir mundos outros é pura transdisciplinaridade. A vida é incontornavelmente transdisciplinar: passa de roldão nos obrigando a inventar mais peles, mais corpos, mais vozes, mais existências, mais caminhos, mais modos. Aprender a conferir mais realidade aos modos mais bonitos e mais sublimes: a melodia sentimental da música cotidiana de nossa mãe; o sorriso de canto de boca de um filho, aos três anos, mamando no peito; o violão daquele pai tocando sons de carrilhões.

Educações que, decerto, nos acompanharão até o túmulo.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio por meio da bolsa de pós-doutorado concedida no âmbito do Edital PIPD nº 1/2024 (Programa Institucional de Pós-

Doutorado), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA).

Referências

CASCUDO, L. C. *Meleagro*. São Paulo: Martins Fontes, 1951.

CASTELLANOS, N. *El puente donde se habitan las mariposas*. Madrid: Ediciones Siruela, 2025.

COCCIA, E. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DELEUZE, G. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <https://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedario-de.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

DELEUZE, G. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

DELEUZE, G. *O ato de criação*. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2017/11/16/o-que-e-o-ato-de-criacao-gilles-deleuze-abaixo-transcricao-em-portugues-da-filmagem-de-1987/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

FOUCAULT, M. *A coragem da verdade – curso no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

GIL, A. G. *Da graça ou da imanência: o lugar onde se habita*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3aeAxpXCbE&t=2434s>. Acesso em: 2 fev. 2026.

GIL, J. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

GUATTARI, F. *Por une refondation des pratiques sociales*. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/1992/10/GUATTARI/44749>. Acesso em: 10 out. 2022.

KRENAK, A. *Taru andé: o encontro entre o céu e a terra*. Disponível em: <https://ailtonkrenak.blogspot.com/2007/02/taru-and.html>. Acesso em: 21 dez. 2020.

LATOUR, B. *Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

SOURIAU, É. *Ter uma alma: ensaio sobre existências virtuais*. Lyon: Belles Lettres, 1939.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em janeiro de 2026.